



Estudos de Psicologia

ISSN: 0103-166X

estudosdepsicologia@puc-
campinas.edu.br

Pontifícia Universidade Católica de
Campinas
Brasil

das Graças Marrocos de Oliveira, Maria; Cardoso, Cármen Lúcia
Stress e trabalho docente na área de saúde
Estudos de Psicologia, vol. 28, núm. 2, abril-junio, 2011, pp. 135-141
Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Campinas, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=395335656001>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Stress e trabalho docente na área de saúde¹

Stress and university teaching in the health sector

Maria das Graças Marrocos de OLIVEIRA²

Cármem Lúcia CARDOSO³

Resumo

Este estudo teve como objetivo investigar as manifestações clínicas de *stress* e os fatores estressantes no trabalho de docentes em saúde de uma universidade pública do norte do Brasil. Foram aplicados os instrumentos: Inventário de Sintomas de *Stress* para Adultos de Lipp e Questionário sobre percepção do próprio *stress*. Verificou-se que 24,2% dos participantes apresentaram manifestações clínicas de *stress*, dentre os quais 95,4% encontravam-se na fase de resistência. Em relação à sintomatologia do *stress*, verificou-se que 63,6% apresentavam sintomas físicos, e 36,4%, sintomas psicológicos. Quanto à percepção do próprio *stress*, do *stress* no trabalho e nas condições de trabalho, os docentes avaliaram-se como muito estressados. Os resultados referentes às manifestações clínicas de *stress* estiveram associados aos docentes com filhos ($p=0,005$) e que se percebem como muito estressados ($p<0,05$). Assim, destaca-se a necessidade de atenção e cuidado a essa parcela de docentes, que pareceram enfrentar dificuldades no ambiente de trabalho.

Unitermos: Professores. Recursos humanos em saúde. *Stress*.

Abstract

The purpose of this study was to investigate the clinical manifestations of stress and stress factors in health department lecturers at a public university in Northern Brazil. The following instruments were used: Lipp's Stress Symptoms Inventory for Adults and a Questionnaire on the self-perception of stress. It was found that 24.2% of participants had clinical signs of stress and that 95.4% were in the resistance stage. As regards the symptoms of stress, it was found that 63.6% had physical symptoms while 36.4% presented psychological symptoms. As for the self-perception of stress, stress at work and working conditions, the teaching staff evaluated themselves as highly stressed. The results related to clinical manifestations of stress were associated with teaching staff with children ($p=0.005$), who perceive themselves as highly stressed ($p<0.05$). Thus, there is a need for care and attention for this population of university lecturers who appear to be facing some difficulties in the workplace.

Uniterms: *Stress. Health manpower. Teachers.*

Lipp (2000, p.12) afirma que "O *stress* é um estado de tensão que causa uma ruptura no equilíbrio interno do organismo... . Em geral, o corpo todo funciona em

sintonia, como uma orquestra... . Mas quando o *stress* ocorre, esse equilíbrio, chamado *homeostase* pelos especialistas, é quebrado e não há mais entrosamento

▼▼▼▼▼

¹ Artigo elaborado a partir da tese de M.G.M. OLIVEIRA, intitulada "Stress, síndrome de *burnout* e qualidade de vida em docentes da área de saúde". Universidade de São Paulo, 2009.

² Universidade Federal do Amazonas, Faculdade de Ciências da Saúde. Av. Darcy Vargas, 755, Chapada, 69050-020, Manaus, AM, Brasil. Correspondência para/Correspondence to: M.G.M. OLIVEIRA. E-mail: <gmarrocos@ufam.edu.br>.

³ Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Ribeirão Preto, Departamento de Psicologia e Educação. Ribeirão Preto, SP, Brasil.

entre os vários órgãos do corpo". Lipp e Malagris (2001) apontam que altos níveis de *stress* podem influenciar negativamente o bem-estar físico e emocional das pessoas. Tais influências podem gerar problemas de ajustamento social, familiar/afetivo, de saúde e profissional.

No que se refere a aspectos sociais, o *stress* excessivo, de acordo com Santos e Rocha (2003), pode levar o indivíduo a uma tendência de afastamento do contato humano, além de conflitos interpessoais. Quanto às consequências na área profissional, o *stress* excessivo pode provocar absenteísmo, atrasos, desempenho insatisfatório, queda da produtividade, problemas de relacionamento. Segundo Tanganelli (2001), quanto às consequências familiares verifica-se que as reações do *stress* excessivo podem contribuir para o mau desempenho da saúde física e mental de todos os membros da família. Nesse sentido, professores universitários têm assumido uma multiplicidade de atividades com alto grau de exigência e responsabilidade, estando vulneráveis à tensão psicológica e ao *stress* excessivo, o que pode afetar a qualidade do trabalho e a saúde desses profissionais. Assim, o controle do *stress* é fundamental para uma vida saudável e produtiva.

No Brasil, estudos sistemáticos acerca do *stress* foram desenvolvidos em várias profissões e em diferentes contextos. Em relação à profissão docente, os estudos conduzidos por Reinhold (2004) e Martins (2007) avaliaram as manifestações sintomáticas de *stress*, através do Inventário de Sintomas de *Stress* para Adultos (ISSL) de Lipp, em professores do ensino fundamental nos Estados de São Paulo e na Paraíba respectivamente, encontrando resultados semelhantes, ou seja, mais da metade dos participantes apresentaram manifestações de *stress*.

Com relação ao ensino universitário, Christophoro e Wadman (2002) desenvolveram um estudo que teve por objetivo verificar a presença de *stress* ocupacional e sua relação com as condições de trabalho. Trata-se de um estudo exploratório descritivo, de natureza qualitativa, com 30 enfermeiros, docentes universitários. Os dados indicaram que a maioria dos docentes relatou ter *stress* e atribuíram-no a várias razões: condições de trabalho, questões financeiras, pressões do trabalho, competitividade e conflito no relacionamento interpessoal.

Jepson e Forrest (2006) propuseram-se, através de pesquisa quantitativa no Reino Unido, identificar fatores individuais que contribuíssem para o desenvolvimento do *stress* em uma amostra de 95 professores universitários, buscando compreender por que, sob as mesmas circunstâncias ambientais, alguns apresentavam níveis maiores de *stress* do que outros. O estudo examinou a influência do comportamento tipo A, dificuldades pessoais de realização, compromisso ocupacional e o *stress* percebido dentro da profissão docente. A análise de regressão múltipla indicou correlação positiva entre o comportamento tipo A, as dificuldades pessoais de realização e o *stress* percebido, e ainda, correlação negativa entre o compromisso profissional e o *stress*. Tal estudo aponta que fatores pessoais e de personalidade influenciam as manifestações de *stress*.

Especificamente no contexto dos profissionais de saúde, vários estudos foram realizados, como os de Costa, Lima e Almeida (2003), que avaliaram o *stress* associado ao trabalho do enfermeiro com portadores de transtorno mental, inserido no contexto de hospital psiquiátrico. Trata-se de pesquisa quantitativa através do ISSL, realizada em sete hospitais psiquiátricos da cidade de Fortaleza, Ceará, com amostra composta por 42 participantes, a maioria do sexo feminino (92,9%). Os resultados mostram que 38,0% da amostra apresentaram *stress* e destes, 30,9% encontravam-se na fase de resistência. O estudo evidenciou a ocorrência do *stress* em um terço dos profissionais enfermeiros.

Em outro estudo, Fraga (2004) investigou manifestações de *stress* em 32 médicos lotados em 3 unidades da Secretaria Municipal de Saúde de Goiânia (GO), buscando verificar a presença de indicadores de *stress* e possíveis relações entre o *stress* e o trabalho, utilizando o ISSL. Os resultados obtidos mostraram que 23 médicos (72,0%) apresentaram *stress*, sendo que 18 participantes (78,0%) encontravam-se na fase de resistência e 5 (22,0%) na fase de quase exaustão. Em relação à sintomatologia, houve predomínio de sintomas psicológicos em 43,0% dos médicos; sintomas físicos em 35,0% e em 22,0% concomitantemente sintomas físicos e psicológicos.

Malagris e Fiorito (2006) avaliaram o nível de *stress* utilizando o ISSL em técnicos da área de saúde da Policlínica Naval Nossa Senhora da Glória, localizada no Rio

de Janeiro. Participaram 34 técnicos de diversos setores, 28 do sexo feminino (83,0%) e 6 do masculino (17,0%). Os resultados apontaram 82,3% dos participantes com manifestações de *stress*, sendo que 76,9% encontram-se na fase de resistência e 23,0% na fase de quase exaustão, com predominância de sintomas psicológicos (69,2%).

O estudo realizado por Ferrareze, Ferreira e Carvalho (2006), na Unidade de Cuidados Intensivos da Unidade de Emergência do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (UE-HCFMRP-USP), buscou avaliar as manifestações de *stress* em um grupo de 12 enfermeiros pelo ISSL. Verificou-se que 8 enfermeiros (66,7%) da amostra apresentavam *stress*, enquanto os demais sujeitos encontravam-se sem *stress*.

A pesquisa desenvolvida por Santos e Cardoso (2010) buscou avaliar as manifestações de *stress*, *burnout*, autopercepção quanto ao *stress* e ao trabalho em 25 profissionais de serviços substitutivos em saúde mental. Foram utilizados os seguintes instrumentos: ISSL, Maslach Burnout Inventory e um Roteiro Complementar. Os resultados apontaram que 36% dos participantes apresentaram manifestação de *stress*, 44,0% avaliaram-se como muito estressados e 60% apresentaram alto esgotamento emocional. O trabalho foi avaliado como muito estressante para 60,0% dos participantes. Concluiu-se que número considerável de profissionais de saúde mental apresentou indicadores de *stress*, com consequente dificuldade em relação ao trabalho em saúde mental. As autoras sugerem que sejam desenvolvidas intervenções que ofereçam suporte ao trabalhador, visando à proteção da saúde deles e dos usuários atendidos pelo serviço de saúde mental.

Tendo em vista os custos emocionais do *stress* e seu impacto no desempenho e qualidade do trabalho efetuado por docentes, como na própria saúde do trabalhador, faz-se necessária uma investigação junto a essa população, considerando que ela enfrenta desafios atrelados às atividades de ensino e assistência à saúde da população.

Nesse contexto, o presente estudo objetivou investigar as manifestações de *stress*, bem como a percepção do próprio *stress* e de fatores estressantes no trabalho em docentes do ensino superior que atuam nos cursos da área da saúde de uma instituição pública de ensino superior da região norte do Brasil.

Método

Este estudo apresenta-se como uma pesquisa quantitativa, transversal, de escolha intencional da população estudada. Foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas, de acordo com o Processo nº 0209.0.115.222-07.

A instituição de ensino superior estudada possui 4 cursos de graduação na área de saúde: odontologia, farmácia, medicina e enfermagem. O trabalho foi realizado com 91 docentes, o que corresponde a 61,1% da totalidade do universo pesquisado.

Os critérios de inclusão foram: docente do ciclo profissionalizante, efetivo e do quadro permanente (concursado), uma vez que tal profissional atua tanto na docência quanto na prestação de serviços à comunidade, desenvolvendo atividades clínicas e hospitalares da rede do Sistema Único de Saúde (SUS). Assim, foram excluídos do estudo docentes que possuem contrato temporário e docentes do ciclo básico, por não viverem as atividades práticas de saúde.

Foram utilizados para este estudo os seguintes instrumentos:

a) Inventário de Sintomas de *Stress* para Adultos de Lipp: esse Inventário foi construído e validado por Lipp (2000). Visa, de forma objetiva, avaliar os sintomas de *stress*, o tipo de sintomas e a fase de *stress* em que o indivíduo se encontra. É composto por 53 itens, divididos em 3 partes, que avaliam os sintomas que o profissional apresenta nas últimas 24 horas (Fase I), na última semana (Fase II) e no último mês (Fase III);

b) Questionário de perfil sociodemográfico e ocupacional: o instrumento, na primeira parte, contém 18 questões, sendo 11 questões abertas e 7 fechadas, subdivididas em dados sociodemográficos e dados profissionais. A segunda parte avalia a percepção do próprio *stress* e fatores estressantes - tal instrumento foi elaborado por Santos e Cardoso (2010), com questões que avaliam de forma subjetiva a percepção do próprio *stress* e fatores estressantes do trabalho. Os participantes foram convidados a responder em uma escala de tipo Likert, de 3 pontos, de intensidade variando de "nada estressante" até "muito estressante".

Os professores foram convidados a participar, através de contatos telefônicos ou pessoais, com

agendamento. Os instrumentos eram autoaplicáveis, mas a coleta foi acompanhada pela autora, para eventual esclarecimento de dúvida, sendo realizada individualmente. O tempo médio de aplicação dos questionários foi de 15 minutos.

Para a definição do tratamento estatístico, foi aplicado aos dados obtidos, inicialmente, o Teste Kolmogorov-Smirnov para verificação da normalidade. Devido à não normalidade dos dados, foi efetuado o tratamento estatístico inferencial, através de estatística não-paramétrica, com utilização do Teste do Qui-Quadrado ou do Teste Exato de Fisher. Através do Coeficiente de Correlação não-paramétrico de Spearman, foi efetuada análise correlacional, objetivando relacionar as variáveis das diferentes técnicas, adotando-se valores de 5% ($p \leq 0,05$).

Resultados

A apresentação dos dados teve como foco os resultados dos indicadores de manifestações de *stress*, a percepção do próprio *stress* e fatores estressantes do trabalho.

Do total de 149 docentes da área da saúde, 61,1% participaram da pesquisa. A amostra foi composta de 91 docentes, com participação de um número maior de profissionais da categoria médica ($n=35$), apesar de representarem 41,2% do total de docentes do curso. Participaram 90,5% dos docentes dos cursos de Odontologia e Farmácia e 81,8% dos docentes do curso de Enfermagem. A maioria dos participantes era do sexo feminino (63,7%), com idade de 46 anos ou mais (57,1%), seguido pela faixa etária de 36-45 anos (35,2%); com pós-graduação concluída (74,7%). Quanto ao estado civil, a maioria tinha companheiro (70,3%) e filhos (79,1%). Houve nesse estudo predomínio de docentes com 16 a 30 anos de graduados (46,1%) e, em relação ao tempo de serviço na Universidade, 45,0% possuíam entre 1 e 15 anos de tempo de trabalho na docência de saúde.

Do total de participantes ($n=91$), 24,2% apresentaram *stress*, segundo os critérios normativos do instrumento. Dos 22 docentes com *stress*, 95,4% encontravam-se na fase de resistência e 4,5% na fase de quase exaustão. Em relação à sintomatologia do *stress*, verificou-se que 63,6% dos professores apresentam predomi-

minância de sintomas físicos, e 36,4%, de sintomas psicológicos.

Observou-se que 41,7% dos profissionais se percebiam muito estressados, sendo que para 47,2% dos profissionais o trabalho foi avaliado como fator muito estressante. Trabalhar em equipe e trabalhar diretamente com pessoas foi avaliado pelos docentes como pouco estressante (49,4% e 42,9%, respectivamente). O contato com os alunos e com os colegas de trabalho foi considerado pelos docentes como pouco estressante (67,0% e 58,2%, respectivamente). Pode-se supor que fatores ligados ao ambiente e às condições laborais de sala de aula, como salário, infraestrutura e recursos materiais estão atrelados à maior percepção de *stress* nos docentes.

Em relação à presença de indicadores de *stress*, de acordo com o ISSL, os docentes com filhos apresentaram percentagens significativamente maiores (30,6%) quando comparados aos docentes sem filhos (0,0%), ($p=0,005$). Vale ressaltar que 69,4% dos docentes que tinham filhos não apresentaram manifestações clínicas de *stress*.

Verificou-se correlação positiva entre as manifestações clínicas de *stress* e a percepção do próprio *stress* ($p < 0,05$), o que sugere que as manifestações de *stress* avaliadas por dois instrumentos diferentes estão correlacionadas entre si. Foi encontrada correlação positiva entre as manifestações clínicas de *stress* e a percepção do *stress* no trabalho ($p \leq 0,01$) e em relação ao ambiente e às condições de trabalho ($p \leq 0,01$). Pode-se supor que o *stress* vivenciado pelos docentes esteja correlacionado a estressores no ambiente de trabalho.

Discussão

Analisando-se os resultados relativos aos indicadores de *stress* através do ISSL, verificou-se que 75,8% dos participantes não apresentaram manifestações clínicas de *stress*. Os resultados encontrados em docentes universitários foram semelhantes aos achados por Costa et al. (2003) com enfermeiros (62,0%) e por Moniz e Araújo (2006) com voluntários de saúde (79,5%).

Segundo Barreto (2007), os docentes entrelaçam os movimentos de tensão com estratégias adaptativas que, em vez de levá-los ao desânimo e ao *stress*, têm propiciado na sala de aula o prazer de ensinar. Essa

capacidade de serem resilientes, afirma o autor, é importante para os docentes universitários, que respondem aos riscos e aos desafios da sociedade aprendendo a viver na incerteza, podendo ser estimulados a refletir sobre a ação e sobre os erros, privilegiando a criatividade, partilhando saberes, propondo estratégias de tomada de decisão e planejando formas de intervenção dentro de cada realidade.

Costa (2008) aponta que é preciso usar as situações difíceis da vida para ampliar a capacidade de resolução de problemas e para melhor adaptação às diversas situações enfrentadas. A capacidade de resistir às adversidades e crescer a partir do cuidado ao outro, possibilita aos docentes da área de saúde um melhor enfrentamento dos desafios do dia a dia.

Vale ressaltar que aproximadamente um quarto dos professores (24,2%) apresentou manifestações clínicas de *stress*, de acordo com os dados normativos propostos por Lipp (2000), revelando um número considerável de docentes com *stress*. Pode-se supor que tais resultados estejam atrelados às estratégias de enfrentamento utilizadas pelos professores para lidarem com as demandas e pressões do trabalho docente. Parece que tais estratégias não estão sendo suficientes para que os docentes se defendam do *stress*. Outra variável relevante na determinação do *stress* é o nível de satisfação com o próprio trabalho e nesse sentido pode-se hipotetizar que os docentes com manifestações de *stress* estejam pouco satisfeitos com o próprio trabalho. Ressalta-se, ainda, a importância dos tipos de personalidade na ocorrência do *stress*. O estudo conduzido por Jepson e Forrest (2006) aponta que pessoas com personalidade tipo A são mais suscetíveis ao *stress*. Destaca-se a necessidade de novos estudos visando verificar fatores individuais que contribuem para o desenvolvimento do *stress* e ainda para avaliar os recursos desenvolvidos pelos profissionais para lidarem com as exigências do trabalho docente na área da saúde.

Dentre os profissionais da presente pesquisa, com manifestações sintomáticas de *stress*, a maioria (95,4%) encontrava-se na fase de resistência. Essa é a fase intermediária no processo de *stress* e caracteriza-se pelo cansaço físico e mental, dificuldade com a memória e maior vulnerabilidade a doenças. Lipp e Malagris (2001) enfatizam que na fase de resistência o organismo busca o reequilíbrio através do uso de grande quantidade de

energia, podendo resultar em sensação de desgaste generalizado, aparentemente sem causa. Ressalta-se ainda que, quanto maior o esforço praticado para adaptação e restabelecimento da harmonia interior, maior é o desgaste sofrido. Porém, quando o organismo consegue se adaptar completamente, o processo de *stress* é interrompido e os sintomas desaparecem, não deixando sequelas. Destaca-se que o planejamento e a execução de uma intervenção voltada ao controle do *stress* poderiam ser muito benéficos aos docentes com manifestações de *stress*.

As pesquisas desenvolvidas por Malagris e Fiorito (2006) com técnicos de saúde e por Fraga (2004), com médicos, encontraram resultados semelhantes, ou seja, predominância de sintomas na fase de resistência. Os autores apontam o impacto negativo sobre a qualidade de vida dos profissionais, o que pode afetar diretamente sua atuação no campo da docência e da assistência.

Os sintomas de *stress* apresentados pelos docentes, na presente pesquisa, são predominantemente de natureza física (63,6%), concordando com os estudos de Carvalho e Malagris (2007). Tais profissionais apresentam sintomatologia como taquicardia, tensão muscular, dificuldade no sono, problema de memória e desgaste físico constante. Ressalta-se que a presença desses sintomas pode intervir negativamente na disposição do indivíduo, inclusive na qualidade do trabalho, dificultando a realização das atividades cotidianas, independentemente de sua capacidade cognitiva.

Foi encontrada associação estatisticamente significativa entre ter filhos e apresentar manifestações sintomáticas de *stress*. Destaca-se que, conforme apontado anteriormente, a maioria dos docentes da amostra é do sexo feminino. Rocha-Coutinho (2005) afirma que uma das questões mais complexas e difíceis, em relação ao trabalho da mulher, é a maternidade. Guimarães (2009) aponta uma grande satisfação com a maternidade em professoras universitárias, assim como dificuldade em conciliar a vida profissional e familiar, o que pode gerar *stress*.

Em relação à percepção do próprio *stress*, 41,7% dos docentes avaliaram-se como muito estressados. Vale ressaltar que alguns dos docentes que se percebem estressados não apresentaram sintomatologia de *stress* através da aplicação do ISSL, que é uma medida objetiva do *stress*, na medida em que avalia se o respondente

possui os sintomas. Por outro lado, a percepção do próprio *stress* refere-se a uma avaliação subjetiva, que se faz importante, uma vez que o enfrentamento de situações potencialmente estressantes depende da percepção e análise do indivíduo quanto à sobrecarga causada por um estressor. Ressalta-se ainda a amplitude de significados que a palavra *stress* comporta, ou seja, opressão, desconforto, sobrecarga e adversidade, o que também pode ter contribuído para as diferenças encontradas entre as duas avaliações do *stress*.

O próprio trabalho foi avaliado por 47,2% dos docentes como muito estressante, e a maioria dos profissionais avaliou o ambiente e as condições de trabalho como muito estressantes. Assim, itens como salário, ausência de recursos materiais, pressão no trabalho, desorganização no serviço, pouco conforto e instalações físicas inadequadas foram avaliados como geradores de *stress*.

A maioria dos docentes avaliou o contato com os alunos (67,0%) e com os colegas de trabalho (58,2%) como pouco estressante. Vale ressaltar que a literatura aponta que uma das mais importantes formas de lidar com o *stress* no trabalho é a prática da conversa com os colegas e o apoio deles recebido em contatos informais (Reid et al., 1999; Robinson, Clements & Land 2003). Pode-se supor que os docentes participantes do estudo conseguiram manter boas relações com os alunos e os colegas de trabalho.

Foi encontrada correlação positiva entre as manifestações clínicas de *stress* e a percepção do próprio *stress* avaliado como muito estressante ($p < 0,05$), sugerindo que as manifestações de *stress* estão correlacionadas com a percepção do mesmo. Encontrou-se, ainda, uma correlação positiva entre as manifestações clínicas de *stress* (ISSL) e a percepção do *stress* no trabalho ($p < 0,01$), e em relação ao ambiente e às condições laborais ($p < 0,01$). Tal resultado revela a importância do trabalho e das suas condições como fatores potencialmente estressantes e aponta a necessidade de intervenções nas estruturas organizacionais, visando promover a saúde do trabalhador. Nesse sentido faz-se necessário repensar os fatores atrelados às condições do trabalho docente, como as dificuldades decorrentes da falta de material para execução das atividades, a pressão no trabalho, a baixa remuneração, o aumento cada vez maior de alunos nas turmas, e a multiplicação

de cursos de graduação sem a contratação de novos docentes, entre outros.

Esses fatores também foram encontrados no estudo realizado por Reinhold (2004) com professores, acerca das fontes e dos sintomas de *stress* ocupacional. Tal estudo aponta a precariedade das condições de trabalho, sendo esta a principal causa de *stress* nesses profissionais.

Considerações Finais

Concluiu-se, de maneira geral, que a maioria dos profissionais não apresentou sintomatologia de *stress*, o que revela que esses profissionais estavam conseguindo lidar com as exigências impostas pela profissão docente da área da saúde, o que implica o compromisso com atividades tanto de ensino quanto de assistência.

Por outro lado, aproximadamente um quarto dos docentes apresentou manifestações clínicas de *stress*. Assim, destaca-se a necessidade de atenção e cuidado a esta parcela de docentes, que, pelos dados analisados anteriormente, supõe-se estarem enfrentando diversas dificuldades, como, por exemplo, nos relacionamentos pessoais, no trabalho em equipe, com as condições do trabalho, entre outros. Nesse contexto, fazem-se necessários investimentos visando à construção de programas que favoreçam o enfrentamento das dificuldades, bem como o desenvolvimento de habilidades necessárias à execução das tarefas próprias da profissão. O estudo concluiu que as atividades desenvolvidas pelos docentes em seu ambiente de trabalho contribuíam para a presença de *stress*.

Algumas limitações do estudo precisam ser consideradas, como a reduzida aceitação para participação na pesquisa por parte dos docentes/médicos, o que fez que o tamanho da amostra se restringisse, apesar da ampla participação dos docentes dos demais cursos estudados (farmácia, odontologia e enfermagem). Além disso, o questionário (percepção do próprio *stress* e de fatores estressantes no trabalho) que avaliou a percepção subjetiva de *stress* não tem estudo de validação; esse instrumento foi utilizado de forma auxiliar para que fosse possível avaliar a percepção do participante em relação ao próprio *stress* e a fatores estressantes, oferecendo uma leitura ampliada da questão.

Apesar de tais limitações, acredita-se que os resultados são relevantes e que novas investigações poderão comparar docentes da área de saúde que estão trabalhando na assistência, docentes de saúde com atuação em ensino e pesquisa, e docentes universitários de outras áreas. Seria interessante comparar os resultados obtidos neste estudo com os de outras instituições de ensino superior da mesma região (públicas e privadas), buscando mapear a sobrecarga enfrentada por docentes, visando, se necessário, implantar medidas de prevenção e controle do *stress*, e buscando uma melhoria da qualidade de vida dos docentes, de forma a influir positivamente no ambiente de sala de aula e das práticas ambulatoriais e hospitalares.

Referências

- Barreto, M. A. (2007). *Ofício, estresse e resiliência: desafios do professor universitário*. Tese de doutorado não-publicada, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
- Carvalho, L., & Malagris, L. E. N. (2007). Avaliação do nível de stress em profissionais de saúde. *Estudos em Pesquisa e Psicologia*, 7 (3), 210-222.
- Christophoro, R., & Wadman, M. A. P. (2002). Estresse e condições de trabalho: um estudo com docentes do curso de enfermagem da UEM, Estado do Paraná. *Acta Scientiarum*, 24 (3), 757-763.
- Costa, A. C. G. (2008). *Educação: uma perspectiva para o século XXI*. São Paulo: Canção Nova.
- Costa, J. R. A., Lima, J. V., & Almeida, P. C. (2003). Stress no trabalho do enfermeiro. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 37 (3), 63-71.
- Ferrareze, M. V. G., Ferreira, V., & Carvalho, A. M. P. (2006). Percepção do estresse entre enfermeiros que atuam em terapia intensiva. *Acta Paulista de Enfermagem*, 19 (3), 310-15.
- Fraga, G. S. (2004). *Ambiente de trabalho, estresse e saúde em médicos da rede municipal de saúde de Goiânia*. Dissertação de mestrado não-publicada, Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais e Saúde, Universidade Católica de Goiás, Goiânia.
- Guimarães, M. G. V. (2009). *Vida familiar e profissional: percepção das professoras de ensino superior da cidade de Manaus*. Tese de doutorado não-publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade São Paulo, Ribeirão Preto.
- Jepson, E., & Forrest, S. (2006). Individual contributory factors in teacher stress: the role of achievement striving and occupational commitment. *British Journal of Educational Psychology*, 76 (1), 183-97.
- Lipp, M. E. N. (2000). *Manual do inventário de sintomas de stress para adultos de Lipp*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lipp, M. E. N., & Malagris, L. E. N. (2001). O stress emocional e seu tratamento. In B. Rangé (Org.), *Psicoterapias cognitivo-comportamentais: um diálogo com a psiquiatria* (pp.475-490). Porto Alegre: Artmed.
- Malagris, L. E. N., & Fiorito, A. C. C. (2006). Avaliação do nível de stress de técnicos da área de saúde. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 23 (4), 391-398. doi: 10.1590/S0103-166X200600040007.
- Martins, M. G. T. (2007). Sintomas de stress em professores brasileiros. *Revista Lusófona de Educação*, 10, 109-128.
- Moniz, A. L. F., & Araújo, T. C. C. F. (2006). Trabalho voluntário em saúde: auto-percepção, estresse e burnout. *Interação em Psicologia*, 10 (2), 235-243.
- Reid, Y., Johnson, N., Morant, N., Kuipers, E., Szmukler, G., Thornicroft, P., et al (1999). Explanations for stress and satisfaction in mental health professionals: a quality study. *Social Psychiatry Psychiatric Epidemiology*, 34 (6), 301-8.
- Reinhold, H. H. (2004). *O sentido da vida: prevenção do stress e burnout em professores*. Tese de doutorado não-publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
- Robinson, J. R., Clements, K., & Land, C. (2003). Workplace stress among psychiatric nurses. Prevalence, distribution, correlates, predictors. *Journal of Psychosocial Nursing and Mental Health Service*, 41 (4), 32-41.
- Rocha-Coutinho, M. L. (2005) Variações sobre um antigo tema: a maternidade para mulheres com uma carreira profissional bem-sucedida. In T. Féres Carneiro (Org.), *Família e casal: efeitos da contemporaneidade* (pp.122-137). Rio de Janeiro: PUC-Rio.
- Santos, A. F. O., & Cardoso, C. L. (2010). Profissionais de saúde mental: manifestação de stress e burnout. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 27 (1), 67-74. doi: 10.1590/S0103-166X2010000100008.
- Santos, C. M. C., & Rocha, L. S. A. D. (2003). *O stress e o professor em uma escola de formação de professores na cidade do Rio de Janeiro*. Trabalho de conclusão de curso não-publicada, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Tanganelli, M. S. (2001). Você me estressa, eu estresso você. In M. E. N. Lipp, (Org.), *O stress está dentro de você* (pp.155-168). São Paulo: Contexto.

Recebido em: 6/5/2010

Versão final reapresentada em: 15/9/2010

Aprovado em: 24/9/2010